

[(1886), *Jornal do Commercio*, ano XXXIII, nº 9857, 8 de Outubro (Lisboa)]

VII - INSTRUÇÃO SUPERIOR. A INSTRUÇÃO SUPERIOR DA MULHER

Um dia os romancistas e os poetas lembraram-se de que a mulher, cantora, pianista, romancista e poetisa também, podia perfeitamente aspirar e conseguir uma instrução superior que lhes permitisse tomar parte nas lutas intelectuais da humanidade, vindo a ser também doutora, astrónoma, zoóloga ou antropóloga.

Estabeleceu-se, pois, uma cruzada, e a instrução superior da mulher foi decretada, como se decreta qualquer imposto. A América sobretudo, produziu e continua a produzir as suas *sábias*, algumas mesmo candidatas à presidência.

Nada mais louvável em princípio: os direitos da mulher devem ser perfeitamente iguais. Resta, porém, saber se pode conseguir que o sejam.

Os sábios que têm estudado a evolução da espécie humana, em livros muito diferentes dos escritos pelos romancistas e poetas, respondem que a coisa não é tão fácil como à primeira vista parece; que não é, em suma, tão fácil masculinizar a mulher, como afeminar uma palavra.

E Michelet, no seu *L'amour*, amor por vezes piegas e obsceno, já havia reconhecido na mulher uma doente – doente em cada mês e em cada período de nove meses.

Com efeito, é a questão biológica o grande argumento contra a possibilidade de instruir superiormente a mulher; mas argumento decisivo, pois que essa questão, ao mesmo tempo que persiste como causa imediata, é a causa remota que explica todos os factos sociais que aumentaram a inferioridade intelectual da mulher civilizada.

O profundo abismo existindo entre os dois sexos, e constituído por diferenças de forma, de estatura, de força física e de faculdades intelectuais, não é privativo da espécie humana.

Em todo o reino animal se reconhece à primeira vista os sexos diferentes a que pertencem dois indivíduos da mesma espécie, pela existência de uma ordem de caracteres sexuais *secundários*, isto é, que consistem em certas particularidades de forma, tamanho e colorido, não imediatamente relacionadas com os órgãos da geração, mas cujo desenvolvimento não foi por isso menos correlativo. O galo, por exemplo, distingue-se da galinha por ser maior, mais desempenado e forte pela crista, penas do pescoço e da cauda, esporões, voz, carne mais dura; a fêmea do pavão não tem nenhuma das cores que adornam o macho; o peru é que tem a faculdade de abrir o leque da cauda e de congestionar as carúnculas, irritado pelo orgulho e pelo ciúme; o leão é que tem a juba; o cão é incomparavelmente mais inteligente do que a cadela.

Logo que, na série animal, se passa do hermafroditismo para a diferenciação dos sexos e aparecem os caracteres sexuais primários, aparecem também os secundários, como desenvolvimento correlativo inevitável, e as fortes relações existentes entre uns e outros não são menos fáceis de demonstrar, por serem à primeira vista menos aparentes: suprimi os órgãos genitais do galo novo e imediatamente o tornais rouco e com a carne tenra como a da galinha; sabeis perfeitamente como de um touro se faz um boi, e o que é um eunuco, imberbe e mulheril.

A diferenciação secundária dos sexos é, pois, uma lei geral, cuja marcha se faz até mais ou menos em sentido inverso nos animais inferiores, é principalmente o

macho que é mais pequeno, fraco e feio; nos animais superiores, ele é geralmente maior, mais forte e bonito, e a fêmea é que é a menos favorecida.

Ora não foram instituições políticas e sociais que produziram nos outros animais todas estas diferenças profundas, perfeitamente comparáveis às que separam a mulher do homem, considerada física e intelectualmente.

Toda a mulher romântica que, numa discussão a propósito do nível intelectual do seu sexo, vem por fim a concordar em que há uma grande diferença, explica-a acusando o homem – fomos nós que as fizemos assim, porque usurpámos todos os direitos, porque só nós é que fizemos as leis e não as havíamos de fazer contra nós.

Mas o que é que vos impediu de reagir logo ao princípio contra os nossos «sentimentos escravizadores», senão um facto de explicação mais científica. É que as diferenças que nos separam de vós, amáveis leitoras, podem, é verdade, ter-se acumulado por efeito das instituições sociais, pelas quais nós outros somos responsáveis; mas essas instituições assentam sobre uma base que não é sociológica, uma base zoológica, anatómica, que está no vosso ventre e no vosso seio, como nas fêmeas dos outros mamíferos!

Do mesmo modo que as fêmeas dos outros mamíferos superiores são menos inteligentes do que os machos, a mulher é menos inteligente que o homem. É o resultado último de uma lei geral que as correlações orgânicas explicam perfeitamente.

A inteligência não podia desenvolver-se senão onde existe a consciência da força física; a consciência da fraqueza não podia permitir senão o desenvolvimento da astúcia. Foi a força física, correlação imediata da virilidade, que permitiu ao homem lutar, observar aturadamente, relacionar as observações, criar enfim a verdadeira inteligência.

O estudo do volume do crânio e da massa encefálica da mulher civilizada tem-na feito colocar mesmo, por este carácter anatómico, ao nível de tribos selvagens bastante inferiores. A mulher está mais perto da criança e do selvagem do que do homem adulto, dizem e provam os antropologistas.

Tem-se demonstrado de um modo incontestável que o volume do crânio está na razão directa da superioridade da inteligência: os maiores crânios pertencem aos *sábios e letrados*. Ora as mulheres, que não apresentam uma única obra que revele a posse de uma verdadeira inteligência masculina, não apresentam também senão crânios pequenos, os maiores muito inferiores à capacidade média dos homens.

Há sem dúvida mulheres inteligentes, como também há homens que o não são; mas é preciso não confundir a verdadeira inteligência (aptidão para associar um grande número de ideias) com aquilo que caracteriza a chamada inteligência da mulher, e que consiste quase exclusivamente em ter graça e espírito, boa memória e nada mais. Falta-nos o espaço para desenvolver aqui esta questão, de resto suficientemente debatida.

Entre a inteligência da mulher e a do homem está pois cavado um profundo abismo.

Para explicar isto, há sem dúvida, não só a questão biológica, mas também a evolução da moral que considerou a mulher como um ente melindroso, frágil como o vidro. Foi decerto mais para a honrar e a proteger do que para a escravizar, que o homem a fez *dona da casa*, enquanto, forte e invulnerável, ele se fazia *senhor do mundo...* para lho ir pôr depois aos pés! Mas nem tudo se passou assim; a mulher, maltratada pelas religiões, *personificando a tentação e todo o pecado*, foi, no lar doméstico, por muitas vezes uma escrava tratada como um simples móvel da casa,

como uma verdadeira besta de carga. Isto contribui poderosamente, sem dúvida, para torná-la mais astuta do que inteligente; mesmo quando ela pudesse empregar a força da razão, a força física do marido seria sempre mais decisiva. Não havia senão pôr de parte toda a ideia de raciocinar, como uma coisa não só inútil, mas que agravava ainda mais a situação, e fazer «com jeito» o que não era questão de força.

Deixemos porém as causas próximas, que, se não abonam inteiramente o procedimento do homem, tem ao menos a desculpa de assentarem, como dissemos, sobre uma base biológica, e insistamos na causa primordial, indaguemos se, chegadas as coisas ao estado actual, e continuando a existir e cada vez mais acentuadamente, essa base biológica, se deve e é possível: 1º dar à mulher uma educação verdadeiramente intelectual; 2º tornar essa educação tão superior, tão científica a ponto de lhe permitir nivelar a sua inteligência com a do homem, vir enfim, como se costuma dizer, «tomar partido nas nossas lutas».

A estas duas questões podemos imediatamente responder – não, em virtude de variadas causas biológico-sociais e até de simples questão de prioridade.

A questão biológica, dissemos nós, é o grande argumento contra a possibilidade de educar superiormente a mulher, dum modo que não seja puramente ilusório, e a esse argumento acrescentamos, é tanto mais grave quanto é certo que a questão biológica, verdadeira causa remota da evolução intelectual da mulher, persiste como causa imediata, individual.

A inteligência desenvolve-se à custa da força física. A inteligência não se pode desenvolver sem o estudo, sem a vigília mesmo, sem, enfim, um gasto de substância pensante que tem necessariamente de se fazer à custa da outra substância. Os grandes pensadores do sexo masculino têm muitas vezes recorrido, com vantagem, à ginástica, para restabelecerem o seu fisico profundamente desfalcado pelos trabalhos do espírito.

É pois evidente que o trabalho intelectual da mulher, basta ser apenas equivalente ao trabalho intelectual mediano do homem, para ser exagerado e portanto fatal, porque a mulher, em virtude da sua organização, não pode conseguir pela ginástica o que o homem consegue e em pouco tempo, o trabalho intelectual tê-la-ia consumido. Se uma doença grave, um desequilíbrio completo não é o resultado certo do trabalho intelectual exagerado da mulher, está demonstrado que ao menos ele a tornará imprópria para o casamento e para a maternidade; todos os homens eminentes que se têm ocupado do assunto, Spencer, Duncan, Brodie, Clark, Emmel, Looms, Lawson, Goodall, têm observado que as funções particulares da economia animal das mulheres se alteram com o trabalho intelectual: há uma diminuição ou irregularidade das regras, vem a esclerose e as nevroses, a atrofia dos ovários.

Tudo isto é que faz como diz o Dr. Goodall, «com que a habilidade das costureiras consista hoje em dissimular a falta dos órgãos necessários para a beleza e para a maternidade».

Na América é onde se tem exagerado mais a instrução superior da mulher, mas é lá também que necessariamente se tem escrito contra ela as palavras mais severas e sensatas. Tendo reunido um grande número de factos relativos às consequências da educação superior das mulheres americanas, o Dr. Clark chega a escrever:

«Se continuamos assim durante meio século, não é preciso ser grande profeta para predizer que as mulheres destinadas a serem as mães das nossas futuras gerações deverão vir de além do Atlântico.»

Atacadas no íntimo da sua organização por um trabalho intelectual de que uma lei zoológica as exclui, as raparigas ficam logo nas primeiras classes inutilizadas para tudo: nem podem seguir na carreira de *sábias*, nem podem já voltar atrás para a carreira, unicamente possível, de esposas e de mães.

Está bem entendido que nos referimos aqui às aspirações a uma instrução superior verdadeira, que tenda a nivelá-las com o homem, e não às lições de cor, apenas baseadas em um ou outro assunto menos trivial.

Mas ainda mesmo que se pudesse dar à mulher uma verdadeira educação superior, ensinar-lhe todas as matérias que se têm ensinado ao homem, e pelos mesmos métodos; se fosse possível corrigir por meio dos exercícios do corpo, da ginástica mais especial, todos os maus efeitos corporais do excessivo trabalho intelectual; ainda assim, uma simples questão de prioridade fazia com que a mulher nunca pudesse alcançar o nível intelectual do homem.

Com efeito, o homem foi o primeiro que se instrui superiormente, e quando a mulher reclama também para si uma instrução igual, ou, para melhor dizer, quando o homem, sentimentalmente, se lembra de lha dar, a que distância está ele já?! Estará o homem disposto a não aprender e a não descobrir mais nada, senão quando a mulher o tiver apanhado, para então daí por diante nunca mais se deixarem separar? Quantos séculos levaria a mulher para alcançar o homem no seu desenvolvimento intelectual, mesmo esperando ele? Estas simples perguntas bastam para nos convencer de que, ainda que se pudesse dar à mulher uma verdadeira educação intelectual, seria radicalmente impossível conseguir que ela pudesse concorrer connosco visto que o homem, o mais partidário da fabricação das *sábias e letradas*, se não dispõe a esperar por elas, as *mulheres da ciência*, por mais generosos que sejamos em repartir com elas o nosso património intelectual, hão-de sempre caminhar ao nosso lado como uma galeria retrospectiva. Triste glória a da mulher sábia neste caso fatal! É do seu bom senso reconhecer isto, e a educação intelectual que se lhe deve dar, deve toda tender para a formação e compreensão de ideias análogas.

Que a mulher seja, e quanto antes, educada intelectualmente, que receba uma educação verdadeiramente intelectual, científica, (a moral do futuro, e já a de hoje, tem por base a ciência); mas que essa educação seja adaptada, como a exige a lei geral, iniludível, da biologia; que ela tenha primeiramente em vista à mulher a profunda convicção científica da sua constituição *exclusivamente feminina*; que ela tenha primeiramente em vista reconstituir física e moralmente a esposa e a mãe de família, fazendo-lhe compreender, com a poesia das ciências naturais adequadas, e não explorando-lhe a vaidade criada pelo romantismo, que se são os homens que produzem os grandes livros de ciências, são as mulheres que produzem os grandes homens! Eis a sua verdadeira glória, a única a que elas devem e podem aspirar; glória em primeira mão e não a imitação estéril do que a mediocridade dos homens pode fazer. Darwin produziu *Origem das espécies* mas foi a mãe de Darwin (e outra não poderia ser) que produziu Darwin!

É na produção dos homens que a amam e protegem e na sua primeira educação física e moral que a mulher é insubstituível e verdadeiramente grande. E eis aí um campo vastíssimo cuja cultura, segundo as exigências da moderna ciência, está inteiramente por fazer! Que significa pois desviar a mulher, dum campo impróprio e inculto para o que é próprio do homem e cuja cultura lhe está vedada para sempre pelas inexoráveis leis da constituição dos organismos?!

O leitor, e sobretudo a leitora, achará bem pouca simpática esta nossa revista. Esperamos porém ter exposto fielmente a opinião dos mais competentes autores sobre

esta questão sempre oportuna, e esperamos também que se não tenha confundido apaixonadamente o verdadeiro ponto da nossa tese.

Somos pela educação científica da mulher; a ciência, já o dissemos, vai sendo a única sanção da moral do futuro. Julgamos que a mulher pode saber muito mais coisas do que aquelas que lhe ensinam, e a nossa tese reduz-se unicamente à questão de saber se é possível educá-la e instruí-la *como se educa e instrui o homem*. É isto o que julgamos impossível, e a experiência tem-no já demonstrado.

A instrução superior da mulher poderá fazer-se; o que porém ela não pode de modo nenhum é ter o mesmo objectivo e ser baseada nos mesmos processos e métodos em que se baseia a instrução do homem. A mulher, *fisicamente uma mulher*, não pode ser *intelectualmente um homem*. Eis tudo, e temos insistido bastante sobre este argumento capital — a base biológica. Só o desconhecimento das leis de formação e de constituição dos organismos e apaixonadas preocupações políticas (quando o problema é todo social!) podem criar argumentos baseados na igualdade dos direitos e em que a mulher não pode ser de qualidade diferente do homem, pois que, por fim de contas, é filha dele e ele filho dela. É preciso, nesta ordem de argumentos, tomar o indispensável conhecimento de algumas leis, sobretudo, das da hereditariedade. Sem dúvida, a mulher é filha do homem e o homem da mulher; mas nenhum deles é completo por si só, e a expressão familiar de *cara metade* é também rigorosamente zoológica; quando os antepassados da espécie humana eram hermafroditas (o que se prova pela embriologia), *homem* e *mulher* formavam um todo; com a divisão do trabalho fisiológico que determinou a separação dos sexos, o todo dividiu-se em duas *metades* e cada uma levou a organização que pôde. Essa divisão deu-se em virtude das leis da hereditariedade que foram acumulando nos indivíduos hermafroditas caracteres talvez fortuitamente exagerados. Ora, em virtude destas leis, o homem nasce de uma mulher e herda dela bastante, mas o que não pode é deixar de herdar o património intelectual elaborado nos cérebros masculinos dos seus avós, porque isso é que está em correlação com os órgãos que lhe marcam o sexo. A mulher pode herdar do pai a fisionomia e mesmo o temperamento; mas o que ela não poderá herdar dele é a massa encefálica; ela nascerá apenas com o número de circunvoluções e de células pensantes compatíveis com o resto da sua organização, e só desenvolvera aquelas que não forem impedir o desenvolvimento das suas vísceras e glândulas de mulher.

Esta questão zoológica parece brutal. «O quê?! Dizem os partidários da instrução masculina da mulher, a mulher pode lá enobrecer-se, metida para sempre nessa eterna vida puramente animal, de ser fecundada e de ter filhos? Fazer simplesmente o mesmo que fazem as fêmeas dos outros animais?!».

Eis o que chamamos sentimentalismo pouco digno de discussão e o que explica o tom, por vezes irónico, deste nosso artigo. Já há muito que a hipótese da origem das espécies nos ensina a aceitar, sem nos irritarmos, o nosso parentesco simiano; já há muito que ela nos fez mudar de ideias a respeito do que deve ser considerado como o verdadeiro enobrecimento do espírito humano.

Se a fatalidade das leis zoológicas parece brutal para o estado intelectual da mulher, que pensará o homem deste círculo de ferro em que vive? Ele tem a inteligência, o monopólio das leis, o domínio da mulher (?!); mas ignorará para sempre a causa primordial dos fenómenos e a essência das coisas! Ele soube, porém, criar a filosofia positiva que o faz pôr de parte todas essas coisas — ele é o que é; e hoje, que pode encarar impassivelmente, com a resignação científica, a inflexibilidade das leis naturais, o homem acha-se mais enobrecido do que nunca!

Porque não há-de pois a educação intelectual da mulher tender exclusivamente para a fazer também feliz, dentro da sua animalidade iniludível e inexorável, dando-lhe apenas a intelectualidade própria e possível, e não uma ilusória e estéril; para a fazer compreender que nada há mais sábio e nobre do que resignarmo-nos cientificamente perante as leis universais, e que a mulher não está mais brutalmente subjugada por essas leis, tendo filhos e criando-os, do que o homem o não está pelo atractivo sexual? De contrário, não se mataria mesmo na educação, esse princípio da divisão do trabalho, que é a causa única de todo o progresso fisiológico e social?